

Ajuda impõe políticas rígidas ao País

Candidatos endossam acordo, mas fazem ressalvas em relação ao custo político

LARRY ROHTER
The New York Times

RIO DE JANEIRO – O Brasil e outros governos latino-americanos seguiram Washington pelo caminho do mercado livre apenas para descobrir que estão perdendo o controle sobre suas economias.

As consequências imediatas são mais visíveis aqui, no Brasil, que está no meio de um processo eleitoral importante. O Brasil, maior país da América Latina, acaba de receber uma ajuda vital de US\$ 30 bilhões do Fundo Monetário Internacional (FMI), mas essa ajuda impõe políticas rigorosas ao próximo governo. Existe uma forte possibilidade de que será um governo de tendência esquerdista, que promete melhorar a vida dos pobres que ficaram para trás na experimentação econômica.

“Não tentem nos estrangular”, disse o presidente Fernando Henrique Cardoso, que deixa o governo em janeiro, falando aos especuladores que, nas últimas semanas, fizeram a moeda brasileira despencar devido ao receio de que possa haver uma suspensão governamental do pagamento da dívida externa. O presidente disse que o empréstimo deu ao Brasil oxigênio e mostrou que o FMI desempenha um papel vital nas economias em desenvolvimento.

Mas, para alguns brasileiros, é o Fundo que poderia estar estrangulando o País. O empréstimo salvador, anunciado na semana passada, é descrito como o mais amplo pacote desde que o governo Clinton e o FMI foram em socorro do México em 1995 – uma intervenção bem sucedida, que foi quase imediatamente compensadora. Mas a ajuda ao Brasil vem com algumas amarras inusitadas e lança a organização internacional de empréstimo na incômoda posição de estar

no meio de decisões democráticas do Brasil.

Endosso – O motivo é porque US\$ 24 bilhões do empréstimo recém divulgado só serão liberados no próximo ano, se o novo governo cumprir algumas metas orçamentárias.

“Este acordo é uma peça de engenharia política extremamente astuta e sutil”, disse Gilberto Dupas, diretor do programa de Estudos Internacionais da Universidade de São Paulo. “Nenhum candidato vai querer ser responsável por uma brutal reversão das expectativas”, que resultaria da não-recepção do financiamento do Fundo.

Depois de oito anos de ortodoxia de mercado livre, que produziu apenas um modesto crescimento, o Brasil

tem uma forte chance de virar em outra direção. Uma pesquisa divulgada na última quinta-feira mostra o candidato do governo caindo ainda mais e dois candidatos de esquerda – Luiz Inácio da Silva, o Lula do Partido dos Trabalhadores (PT), e Ciro Gomes, do Partido Popular Socialista (PPS) – com mais de 30% das intenções de voto cada. Possivelmente os dois irão se defrontar num segundo turno, em outubro.

Com uma quantidade tão grande de dinheiro em jogo, tanto Lula quanto Ciro Gomes endossaram com relutância esse acordo de empréstimo. Ambos, porém, fazem ressalvas ao que consideram uma intromissão na soberania do Brasil e na capacidade do País de cumprir as promessas de campanha.

Guido Mantega, principal assessor econômico de Lula, queixou-se de que o Fundo está tentando confinar o governo do PT numa espécie de molde de cimento armado. “Isso limita a capacidade de investimento social que planejamos fazer”, disse Mantega. “Se reduzirmos as taxas de juros e o superávit primário for mantido até 2005, o esforço

para reaquecer a economia será em vão.” Os castigos pelo não-cumprimento são igualmente claros. Os brasileiros precisam apenas olhar para a vizinha Argentina, que há meses está atolada em negociações infrutíferas para restaurar a linha de crédito junto ao Fundo.

“Quando chegar o momento de o restante do dinheiro vir para o Brasil, como eles têm metas e revisões trimestrais, na primeira vez em que Lula não cumprir os prazos eles poderão dizer que o País não vai receber nenhum dinheiro”, disse Walter Molano, analista de mercado da BCP Securities. “Foi isso que eles fizeram com a Argentina no ano passado, dizendo que não haveria nenhum ‘waiver’ (perdão), e eles farão a mesma coisa com o próximo governo do Brasil.”

Disciplina – Mas da mesma forma como vai o Brasil, vai o resto do continente. A queda da cotação da moeda brasileira, que perdeu quase 20% de seu valor no mês passado, teve reflexos em quedas semelhantes na Colômbia e no Chile e contribuiu para alimentar uma crise bancária no Uruguai, que só se resolveu quando o governo Bush decidiu conceder um empréstimo-ponte de emergência de US\$ 1,5 bilhão no final de semana passado.

O conselho padrão do Fundo aos clientes que enfrentam crises foi sempre insistir em aumentar a austeridade, argumentando que a disciplina fiscal é uma condição prévia e necessária para a prosperidade.

Mas isso se traduz em enorme sofrimento para milhões de pessoas, reforça a popularidade dos críticos de esquerda que atacam as economias de mercado livre e enfraquece os governos que fizeram as mudanças exigidas por Washington.

“É fácil dizer lá do alto: ‘Cortem os gastos!’”, mas é difícil quando você é um político e a taxa de desemprego é de 18%”, disse Joseph Stiglitz, ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 2001.

**‘ACORDO
É PEÇA
ASTUTA E
SUTIL’**

CASTIGO É
CLARO:
BASTA OLHAR
A ARGENTINA